

SÉRIE DESCOBRINDO A PALAVRA

Quando Deus não está respondendo a sua oração

Salmo 77



QUANDO DEUS NÃO ESTÁ RESPONDENDO À SUA ORAÇÃO (Salmo 77)

SUMÁRIO

Em tempos de dúvida (Salmo 77:1-13)	2
Em meio às águas profundas (Salmo 77:13-20)	15

É possível que tenhamos sido enganosamente levados a pensar que podemos resolver nossos problemas com oração? O que poderia ser mais importante do que bater mais forte na porta do céu quando Deus parece silenciar em meio à nossas solicitações?

Neste excerto do livro *Psalms: Folk Songs Of Faith* (Salmos: Cânticos de fé), o autor Ray Stedman sugere que a oração pode não ser a primeira atitude a tomar quando estamos em tribulação. Esse experiente pastor chega a admitir que mais oração pode não nos trazer a paz interior ou as respostas que estamos buscando.

Então, o que devemos fazer quando não sabemos a que recorrer? As próximas páginas nos mostrarão como renovar nossas forças quando sentimos apenas a nossa própria fraqueza e medo.

Mart De Haan

Título original: *When God Isn't Answering Your Prayer (Psalm 77)*

Ilustração da capa: iStockphoto

As citações bíblicas são extraídas da Ed. Revista e Atualizada de J. F. de Almeida © 1993 Soc. Bíblica do Brasil.

© 2003, 2012 Ministérios RBC. Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-1-60485-605-7
PORTUGUESE

Impresso nos EUA • Printed in USA

EM TEMPOS DE DÚVIDA

(Salmo 77:1-13)

Certa vez, alguém disse: “Você sabe que tem um problema de dúvida quando sua oração se parece a essa: ‘Ó Deus (se existe um Deus), salve minha alma (se eu tenho uma alma) para que eu possa ir para o céu quando morrer (se existe um céu)’.” Damos risada dessa oração, mas quando são três horas da manhã e não conseguimos dormir, a dúvida não é motivo para rir. A dúvida é dolorosa e perturbadora. Ela nos rouba nossa alegria e paz. Ela cria distância em nosso relacionamento com Deus.

Às vezes, a dúvida provém das nossas emoções. Quando o médico diz “é câncer”, quando perdemos alguém que amamos ou quando nossos corações estão partidos, às vezes, perguntamos a Deus: “Por quê? Tu poderias ter impedido que isso acontecesse, mas não o fizeste! Se és todo-poderoso

e pleno de amor, como podes permitir que isto aconteça?” Em momentos assim, podemos sentir-nos desapontados com Deus. Nossas emoções dolorosas deflagrarão um ataque de dúvida.

Em outros momentos, a dúvida provém de questionamento intelectual. O professor de ensino bíblico G. Campbell Morgan (1863–1945) pregou pela primeira vez aos 13 anos. Embora não tivesse treinamento formal, ele era profundamente dedicado ao estudo da Bíblia. Ainda adolescente, ele era muito procurado como professor de ensino bíblico, mas, aos 19 anos, sofreu uma crise de dúvida que quase o afastou do ministério.

Morgan havia começado a ler as obras de diversos cientistas e agnósticos, como Thomas Huxley e Herbert Spencer, e alguns dos argumentos deles contra a existência de Deus começaram a fazer sentido para ele. Quando suas

dúvidas se aprofundaram, ele cancelou todos os seus compromissos de palestras e fechou-se num quarto com a sua Bíblia. Durante dias, ele não fez outra coisa além de ler a Bíblia do início ao fim. Ele disse a si mesmo: “Se a Bíblia é a Palavra de Deus e eu vier a ela com a mente aberta, ela será tudo que necessito para trazer confiança à minha alma.”

Dias depois, Morgan deixou seu quarto e anunciou: “A Bíblia me encontrou!” Ele retornou ao seu ministério de pregação, convencido da realidade de Deus em sua vida e da confiabilidade da Palavra de Deus. Aqueles que o ouviram pregar disseram que ele falou com um novo senso de poder e convicção.

O Salmo 77 foi escrito para ajudar pessoas que se debatem com a dúvida. Ele conta a história de um homem quase levado ao desespero porque Deus parece recusar-se a responder às suas orações. Este salmo mostra como nós, como cristãos — e, sim, às vezes

como descrentes — podemos mover-nos do desespero para uma fé permanente em Deus.

PROBLEMAS AFLITIVOS, DÚVIDAS DESCONCERTANTES

O Salmo 77 começa com um grito de dor. O salmista Asafe escreve:

Elevo a Deus a minha voz e clamo, elevo a Deus a minha voz, para que me atenda. No dia da minha angústia, procuro o SENHOR; erguem-se as minhas mãos durante a noite e não se cansam; a minha alma recusa consolar-se. Lembro-me de Deus e passo a gemer; medito, e me desfalece o espírito (vv.1-3).

Asafe não nos conta qual é a sua aflição. Pode ter sido uma terrível perda em sua vida, extrema enfermidade, a rebeldia de um filho ou de uma filha, ou a traição de um amigo. Não conhecemos a origem de sua angústia, mas sabemos que suas emoções estão fortemente emaranhadas. Ele apelou a Deus e seu espírito definhou

dentro dele. Ele se sente esmagado por pesar e decepção. Embora tente focar-se na bondade do Senhor, a alma do salmista se recusa a ser confortada. Ele não consegue esquecer-se de sua dor.

O autor continua: “Não me deixas pregar os olhos; tão perturbado estou, que nem posso falar” (v.4). Ele tenta dormir, mas suas pálpebras não se fecham. Suas emoções estão tão perturbadas, que ele nem mesmo consegue descrever seu problema para os outros. O salmista Asafe fala autenticamente sobre a aflição humana. Ele não esconde nada e descreve exatamente como se sente.

Às vezes, nós, pessoas da igreja, não gostamos de admitir que a aflição e as dúvidas tão intensas constituem uma parte normal da experiência cristã, mas isso ocorre! As dúvidas são uma parte normal da vida do cristão. Parte de nosso crescimento e maturidade como cristãos é aprender como perseverar em meio às

nossas dúvidas, de modo que Deus possa conduzir-nos a um lugar de fé inabalável.

Muitos cristãos pensam: “Agora que sou cristão, minha fé dará resposta a todo problema e a toda dúvida.” Mas, o livro de Salmos é testemunho do contrário. A vida é cheia de problemas e dúvidas, e ninguém compreendeu isto melhor do que o próprio Jesus.

Pense em Sua agonia no jardim de Getsêmani. Ali o vemos perplexo e agitado pelo que terá de enfrentar. Ele clama ao Pai, dizendo: “Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua” (Lucas 22:42). Mais adiante, na cruz, na verdade, Ele é deixado sozinho para questionar: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mateus 27:46). Se Jesus conheceu uma luta interior tão intensa sobre a vontade de Deus para a Sua vida, então Ele certamente compreende a nossa perplexidade com tanta frequência.

Em 2 Coríntios 4:8, o apóstolo Paulo fala sobre estar atribulado e perplexo; portanto, não devemos nos sentir não espirituais se enfrentarmos desafios similares em nossas vidas. De fato, é superficial e irrealista imaginar que a vida do cristão pode ser vivida sem provações de dor e dúvida. A história do povo de Deus é um longo registro de tragédias, catástrofes, problemas, dor e, sim, dúvida.

Mas, graças a Deus, esse não é o final da história! O salmista cita duas coisas que ele faz em resposta às provações de dor e dúvida: ele ora e medita em Deus. Está claro que o salmista não é um mero iniciante na fé. Ele sabe como aproximar-se de Deus em tempos de aflição e usa essas abordagens de oração e meditação. Mesmo assim, sua dor não cessa. De fato, a dor de sua aflição é composta pela aparente ausência de resposta de Deus às suas orações.

É suficientemente difícil suportar aflição, mas o que

realmente nos preocupa é a possibilidade de que nossa fé possa desmoronar sob a pressão. Se isso acontece, não somente perdemos esta batalha, mas perdemos *todas* as nossas batalhas, porque a fé em Deus é tudo que faz valer a pena viver. Sempre que estamos com dor, somos tentados a descreer.

Essa é a tentação que o salmista enfrenta. Ele tentou orar, mas a oração não parece funcionar. Ele tentou meditar na Palavra de Deus, mas isso também o deixa vazio. Por quê? Porque ele está confiando em oração e meditação como estratégias — e seus problemas não podem ser resolvidos por estratégias.

UMA CONCLUSÃO PERTURBADORA

Este salmo desmascara o conselho loquaz e superficial que nós, cristãos, frequentemente damos uns aos outros em tempos de provação e desânimo. Vemos uma pessoa cujo coração tenha sido dilacerado e qual

é nossa reação? Dizemos: “Ore sobre isso e medite na Palavra.”

Não estou dizendo que tal conselho é errado. Estou dizendo que é um conselho inútil em si mesmo. A oração (como veremos adiante no salmo) não é a primeira coisa a se fazer ao passar por tribulação. Isso surpreende você? Parece quase uma blasfêmia? Contudo, o Salmo 77 nos assegura que é assim. Quando estamos aflitos, há algo que devemos fazer *antes* de orarmos — mas, o quê?

O problema que o autor desse salmo expressa é muito comum: ele pensou que a oração resolveria seus problemas. Ele utilizou a oração como uma estratégia de resolução de problemas. A oração nunca foi planejada para esse propósito. Deus projetou a oração como um instrumento de intimidade entre Ele e nós. Cometemos um sério engano quando reduzimos a oração a uma técnica.

Quando aconselhamos outro cristão angustiado

a “orar sobre isso”, e essa pessoa já orou e não recebeu resposta de Deus, não o ajudamos em nada. Essa pessoa acabará ainda mais desencorajada e derrotada, e será ainda mais tentada a desistir da fé cristã, pensando: “A fé não funciona. Deus não responde à minha oração.”

Não é suficientemente bom apenas “se virar, dar um jeito” no momento de dúvida. Estes são os momentos que Deus pode usar para ajudar-nos a nos fortalecer nele. Ele permite essas experiências dolorosas em nossas vidas porque elas têm a intenção de ensinar-nos alguma coisa. Se não encontrarmos a solução de Deus para nossa provação de dúvida, nossa fé poderá não sobreviver ao teste.

No Salmo 77, o salmista se aproxima perigosamente daquele ponto de colapso em sua própria fé. Esperando desesperadamente fortalecer sua fé, o salmista tenta uma abordagem provavelmente sugerida por um amigo ou conselheiro bem-intencionado. Ele reflete sobre o passado:

Penso nos dias de outrora, trago à lembrança os anos de passados tempos. De noite indago o meu íntimo, e o meu espírito perscruta (vv.5-6).

Em outras palavras, “Estou buscando respostas; por isso, recordo o passado. Relembro os tempos em que estive atribulado à noite e fui incapaz de dormir, mas Deus colocou uma canção em meu coração. Medito e meu espírito faz perguntas e pondera o passado.” O salmista se recorda de bênçãos passadas e da bondade de Deus. Ele se recorda das canções e dos salmos que Deus lhe deu para cantar em noites anteriores de dor e aflição.

Recordar o passado é útil a ele? Não. Mesmo ao lembrar-se dos dias passados e das canções na noite, insistentemente seu espírito faz perguntas e dúvida. De fato, as dúvidas continuam a assaltá-lo por todas as direções. De uma maneira ou de outra, todas essas dúvidas se referem à mesma

pergunta: “Por que Deus não me responde?”. Este questionamento o arrasta às profundezas do desespero nos versículos seguintes:

Rejeita o SENHOR para sempre? Acaso, não torna a ser propício? Cessou perpetuamente a sua graça? Caducou a sua promessa para todas as gerações? Esqueceu-se Deus de ser benigno? Ou, na sua ira, terá ele reprimido as suas misericórdias? (vv.7-9)

Estas perguntas são lógicas: “Se Deus me abençoou no passado, por que não me abençoa agora? Por que pareço ter sido esquecido e abandonado? Sua misericórdia chegou ao fim? Ele está bravo comigo?”

Finalmente, o salmista declara a terrível conclusão a que chegou. Trata-se de uma conclusão honesta — e dolorosa. O versículo 10 diz: “Então, disse eu: isto é a minha aflição; mudou-se a destra do Altíssimo.” A *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* nos oferece uma explicação bem clara: “Então

eu disse assim: “O pior de tudo é que o Deus Altíssimo não quer nos ajudar mais como antes.”

Em outras palavras, “Analisai minha situação. Orei a noite toda. No passado, Deus respondeu às minhas orações, mas, desta vez, Ele não me ajudou. Vasculhei meu coração e não consigo responder a estas perguntas. Só posso chegar a uma conclusão: estava enganado sobre Deus no passado. Pensei que Ele fosse imutável, que sempre responderia toda vez que eu o buscasse, mas Ele não o fez. Assim, sou forçado a concluir que Deus mudou. Não se pode contar com Ele, e essa é a conclusão mais perturbadora de todas.”

Este homem encara a perda de sua fé. Ele enxerga essa possibilidade como a tragédia que ela é. Tudo em que ele sempre descansou, tudo que fora sempre um conforto para ele, agora desmorona sob seus pés. O que ele pode fazer? Como ele pode ser liberto de sua crise de dúvida?

O PENSAMENTO IMPENSÁVEL

O Salmo 77 dá uma repentina reviravolta no versículo 11.

Asafe escreve:

Recordo os feitos do SENHOR, pois me lembro das tuas maravilhas da antiguidade. Considero também nas tuas obras todas e cogito dos teus prodígios. (vv.11-12)

O salmista repensou radicalmente sua crise de dúvida. Ele apresenta um novo senso de confiança e paz, expressado a Deus em oração. O que mudou? O que aconteceu entre os versículos 10 e 11 para mover o salmista da dúvida para a fé? Apenas isto: de repente, ele viu para onde os seus pensamentos o estavam levando!

O salmista havia chegado à beira da descrença. Ele havia concluído que Deus pode mudar, e o próximo passo em seu pensamento seria acreditar em algo horrível, algo impensável: Deus não é realmente Deus.

Afinal de contas, se Deus pode mudar, então Ele nada mais é do que um ser

humanóide com poderes divinos. Para o salmista, a firmeza e o caráter imutável de Deus são essenciais à compreensão de quem Deus é. Se Deus pode mudar, se Ele pode ser desamoroso e injusto, então Deus não é realmente Deus. Essa é a beira do abismo em que o salmista está no versículo 10. Mais um passo, e ele ultrapassará a borda e cairá no abismo da descrença. Ao ver a direção que o seu raciocínio o leva, o salmista se retira da borda. No versículo 11, nós o vemos movendo-se numa direção totalmente diferente.

O salmista compreendeu que uma das verdades mais fundamentais das Escrituras é que Deus não pode mudar. Como escreveu o apóstolo Tiago em sua carta no Novo Testamento, Deus é o “Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (1:17). Ele é absolutamente confiável e nele podemos depender. Seu amor por nós nunca muda. Sua misericórdia por nós

nunca muda. Essas verdades são fundamentais para o conceito bíblico de Deus.

É importante compreender que as dúvidas do salmista não foram respondidas neste ponto. Sua decisão de crer em Deus não foi uma decisão emocional ou intelectual. Ela foi, puramente, uma determinação do seu desejo. Ele escolheu voluntariamente dar um passo para trás da beira da descrença e essa escolha o salvou.

Esta é uma boa coisa a fazer quando você luta com a dúvida. Olhe para o final do caminho em que você está. Veja para qual direção seus passos o levam. Quando vir o destino desse caminho, provavelmente ficará estarecido, mas essa dura visão o forçará a prosseguir com cuidado. O que está em jogo aqui é nada menos do que sua filosofia fundamental de Deus e seu significado. A conclusão a que você chegar afetará cada aspecto de sua vida. Assim, dê uma boa olhada, forte e honesta. Não tenha medo de enfrentar suas

dúvidas de frente. A Bíblia é verdadeira, Deus está vivo, e a fé cristã é suficientemente forte para suportar o seu questionamento honesto.

Creio que, se você examinar as Escrituras, chegará à mesma conclusão a que o apóstolo Pedro chegou. No livro de João 6, Jesus fez algumas declarações exigentes a Seus discípulos. Naquele ponto, muitos deles deram as costas e o abandonaram. Quando Jesus viu as multidões abandonando-o, virou-se para os Doze e disse: “Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?” Respondeu-lhe Simão Pedro: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna” (João 6:67-68).

De certa maneira, ele estava dizendo: “Senhor, as coisas que Tu disseste são perturbadoras e nós temos dificuldade de compreender tudo. Justamente quando pensamos tê-lo entendido, tu fazes uma declaração que nos choca e desconcerta. Mas, examinamos as alternativas e

perguntamos a nós mesmos: ‘Quem mais fala a verdade como Tu? Aonde mais podemos ir?’ Decidimos seguir-te, porque Tu tens as palavras que levam à vida eterna.”

Assim ocorre com o salmista. Suas dúvidas o levaram a ter pensamentos impensáveis. Ele chegou à beira da descrença e olhou para dentro do abismo, e então resolveu, em sua mente e em seu desejo, continuar crendo que Deus é Deus.

O LUGAR PARA COMEÇAR

E as dúvidas não resolvidas do salmista? Não podemos viver num estado de tensão entre fé e dúvida. Precisamos definitivamente decidir-nos por um lado ou outro. Quando duvidamos, precisamos agir para solucionar nossas dúvidas. Se não solucionamos as questões da nossa fé, se tentamos viver num estado de dúvida não resolvida, então essas dúvidas nos empurrarão até finalmente cairmos no abismo

da descrença e nos tornarmos inimigos da fé.

De que maneira o salmista evitou esse destino? Ele começou pensando sobre Deus. Vamos recordar esses dois versículos:

Recordo os feitos do SENHOR, pois me lembro das tuas maravilhas da antiguidade. Considero também nas tuas obras todas e cogito dos teus prodígios (vv.11-12).

Perceba que o salmista começa dizendo “recordo”. Isso nos mostra que ele tomou a decisão de agir. Ele escolheu parar de ser uma vítima de seus sentimentos. Sua mente e sua vontade entram em cena. O controle de sua vida se transfere do seu coração para a sua cabeça. No momento em que ele toma esta decisão, o salmista deixa de focar-se em si mesmo e em suas circunstâncias, e começa a focar-se em Deus.

Você se lembrará de que, anteriormente (na página 6), eu disse que oração não é a primeira coisa a fazer quando você está em tribulação.

Você se surpreendeu? Estou certo de que você está imaginando o que devemos fazer antes de orar. Aqui está a resposta: antes de orar, medite em Deus. Antes de orar, certifique-se de que compreende quem Deus é. Coloque seu foco no próprio Deus antes de focar em suas petições, dores, necessidades e sentimentos por intermédio da oração.

Nossa tendência é orar primeiro e, depois, meditar (se é que meditamos). Quando oramos antes de meditar, oramos sobre nossos problemas, nosso sofrimento, nossa ansiedade e nossas preocupações. Quando oramos antes de meditar, colocamo-nos no centro das nossas orações: “Estou encrocado! Estou ferido! Estou deprimido! Preciso que me salves dos meus problemas, Deus!”.

Precisamos aprender a colocar Deus no centro das nossas orações. Precisamos meditar nas Escrituras que nos contam a respeito de Deus. Precisamos meditar

sobre a natureza de Deus, a pessoa de Deus, a maravilha de Deus, a atividade de Deus na história da raça humana e em nossas próprias vidas. Então, quando orarmos, poderemos colocar Deus, e não nós mesmos, no centro das nossas orações. “Deus, Tu és o Senhor da minha vida e dos meus problemas. És santo e misericordioso. Tu és imutável e confiável e és tudo que desejo e de que necessito na vida.”

Você vê como meditar sobre Deus muda completamente a maneira como oramos? Você percebe como isso desvia nosso foco de nós mesmos, nossos problemas e nossos sentimentos? Você vê como isso nos faz focar em quem Deus é, em como Ele é e no que Ele pode fazer? Percebe como meditar sobre Deus nos afasta do nosso pensamento natural e nos eleva a uma maneira espiritual de pensar?

Agora, talvez você comece a ver do que trata o Salmo 77. O salmista começa descrevendo uma

visão natural dos seus problemas. Ele ora a partir de uma mentalidade natural e centrada em si mesmo. Ele começa com o pensamento: “Vês quão aflito estou! Vês como clamo e nada acontece!” Quando nos colocamos no centro, o coração assume o controle e a mente é governada pelos sentimentos.

Mas, quando a perspectiva do salmista muda no versículo 11, sua oração também muda. Em vez de focar sua própria dor e autopiedade, ele coloca o foco totalmente em Deus. Existe um profundo discernimento psicológico aqui. O Salmo 77 começa com um homem escravo de suas emoções. Sua ansiedade e desespero colorem suas perspectivas sobre seus problemas, bem como sua perspectiva de Deus. Suas emoções o levaram até a beira de um total colapso de sua fé. Quando o salmista se retira do centro de suas orações e coloca Deus ali, sua perspectiva é mudada.

Você e eu somos seres limitados. Se começamos orando sobre nós mesmos, nossos problemas e nossos sentimentos, nosso ponto de partida é um pensamento limitado. Quando começamos com Deus, nosso ponto de partida é o fato de que Deus não conhece limites. Ele é o Criador do universo, o Autor da vida. Todo o conhecimento e toda a verdade pertencem a Ele. Colocando o foco nele em vez de em nós mesmos, removemos todas as limitações de nosso pensamento e de nossas orações. Todas as coisas se tornam possíveis quando você começa com Deus.

EXPLICANDO O SILÊNCIO DE DEUS

Antes de deixarmos esta parte do Salmo 77, há mais uma pergunta que exige resposta: “Por que Deus não respondia aos apelos do salmista? Por que Deus estava silente?”

Essa é uma pergunta que, frequentemente, nos fazemos. Por um lado, a resposta é óbvia e, talvez, chocante:

Deus está silente porque escolhe estar assim. Seu silêncio é deliberado.

Não gostamos de pensar que Deus ignoraria deliberadamente nossos pedidos de ajuda, especialmente em nossos tempos de sofrimento físico, emocional ou espiritual. Sabemos que Deus é amoroso e misericordioso, e parece uma violação de Sua natureza Ele nos tratar com silêncio justamente quando mais precisamos dele.

Por que, então, Deus permitiria deliberadamente que o salmista atravessasse tal tempo de provação, dúvida e desespero? Só existe uma resposta: Deus deseja que o salmista se aprofunde na fé. Este tempo de provação e dúvida faz parte do processo que faz aumentar a nossa força e a nossa sabedoria espiritual.

Eis aqui um princípio espiritual inegável: se Deus sempre respondesse instantaneamente aos nossos gritos de socorro, permaneceríamos

espiritualmente imaturos para sempre. Seríamos sempre dominados por sentimentos e estados de ânimo. Nossas orações seriam sempre centradas em nós mesmos, não em Deus. Nossa perspectiva permaneceria natural, não espiritual.

Um identificador seguro de maturidade na vida de um cristão é ele não ser mais controlado por circunstâncias, emoções e estados de ânimo. Sim, cristãos maduros ainda têm sentimentos, mas eles não mais regram suas vidas nem governam seu relacionamento com Deus. Suas vidas não são mais uma montanha-russa de flutuações de ânimo, de alturas enormes e baixas deprimentes. São estáveis e fortes em sua fé, independentemente das circunstâncias, como era o nosso Senhor Jesus.

Nunca atingiríamos aquele lugar de maturidade espiritual se Deus sempre nos respondesse no instante em que recorrêssemos a Ele. Nunca atingiremos fé e caráter semelhantes aos

de Cristo enquanto nossa confiança em Deus estiver sujeita aos nossos ânimos, emoções e circunstâncias. Assim, às vezes, Deus se esconde deliberadamente para que possamos crescer e nos tornar mais semelhantes a Cristo.

Se você está passando por uma provação e Deus parece estar silente, quero que saiba que Ele está com você, sofrendo e chorando. Mas, Ele também está ajudando-o a crescer em caráter e fé. Através dessa dolorosa experiência, você está aprendendo lições que jamais poderia aprender de qualquer outra maneira.

Deus pode parecer silente neste exato momento, mas Ele está ao seu lado de uma maneira mais intensa do que você já conheceu. Ele está conduzindo você a uma experiência de fé mais rica, mais gratificante e mais excitante do que você já imaginou possível. A provação momentânea que você está passando é para edificar em você um caráter

semelhante ao de Cristo, uma alma inabalável e um espírito que crê.

Logo, você será capaz de gozar-se com o salmista e dizer: “Recordo os feitos do SENHOR!”. A Palavra de Deus lhe garante isso.

EM MEIO ÀS ÁGUAS PROFUNDAS (Salmo 77:13-20)

Se existe um momento que definiu Israel como uma nação abençoada por Deus, este foi quando Deus conduziu o Seu povo a sair de seu cativeiro no Egito. Esse acontecimento do Antigo Testamento estabeleceu a identidade nacional de Israel para sempre. O livro de Salmos se refere continuamente a este momento em que Deus enviou as pragas sobre o Egito e depois, miraculosamente abriu o Mar Vermelho e conduziu o povo para um lugar a salvo do exército

egípcio. Deus os alimentou no deserto e foi à frente deles, numa coluna de fogo à noite e numa coluna de nuvem durante o dia.

Milhares de pessoas testemunharam esses acontecimentos, incluindo os povos de outras nações. Os detalhes desses eventos eram bem conhecidos por todo o mundo antigo. Quando o povo de Israel chegou à margem do rio Jordão e estava para adentrar a Terra Prometida, eles descobriram que os outros povos já sabiam de sua chegada. Os inimigos de Israel já os temiam, e isso preparou o caminho para a conquista da terra por Israel. As nações gentias haviam escutado as histórias das pragas do Egito e da divisão do Mar Vermelho, e não podiam negar que Israel servia a um grande Deus.

São estes os acontecimentos que o salmista Asafe recordou ao escrever:

*Recordo os feitos do SENHOR,
pois me lembro das tuas
maravilhas da antiguidade.*

Considero também nas tuas obras todas e cogito dos teus prodígios (vv.11-12).

Como cristãos, temos uma herança similar da história do Novo Testamento sobre a qual refletir. Podemos recordar os poderosos feitos do Senhor Jesus e Seus milagres realizados muito tempo atrás. Podemos meditar em Suas obras de ensino, cura e ressurreição dos mortos, bem como Sua obra de morrer na cruz e elevar-se do túmulo. Esses acontecimentos são fatos históricos.

O apóstolo Paulo testificou dessa mesma herança histórica perante o rei Agripa ao falar sobre a morte e ressurreição de Jesus: "...tudo isto é do conhecimento do rei [...] porquanto nada se passou em algum lugar escondido" (Atos 26:26). Em outras palavras, o fato histórico da morte e ressurreição de Jesus foi um acontecimento bem comprovado, que ocorreu diante de muitas testemunhas. O Senhor

ressurreto não apareceu para apenas uma ou duas pessoas, mas para dezenas e, em certa ocasião, para mais de quinhentas pessoas de uma só vez. Todas essas pessoas testemunharam a respeito da ressurreição.

Quando lemos as palavras do salmista, "Recordo os feitos do SENHOR", podemos dizer: "Sim! Amém! Deus fez grandes coisas! Ele tirou Israel do Egito e das profundezas do Mar Vermelho, e resgatou nosso Senhor Jesus em meio às trevas da própria morte e exaltou-o para viver e reinar eternamente!"

É fato, Deus atuou na história. A história de Jesus não é um mito. O Verbo se fez carne e habitou entre nós, foi crucificado e retornou aos céus. A Bíblia é fundamentada na história. A igreja nunca teria sobrevivido aos primeiros anos de perseguição se tantas pessoas não tivessem testemunhado a ressurreição de Jesus. Os primeiros cristãos nunca teriam suportado

tal perseguição feroz e sanguinária por uma mentira. A ressurreição é o fato central da história humana. É por isso que podemos dizer com o salmista: “Recordo os feitos do SENHOR.”

A GRANDEZA DE DEUS

O salmista nos mostrou o valor presente de nos recordarmos sobre os feitos de Deus no passado. Ele continua para contar-nos o que acontecerá quando meditarmos sobre quem Deus é e sobre o que Ele fez:

O teu caminho, ó Deus, é de santidade. Que deus é tão grande como o nosso Deus? Tu és o Deus que operas maravilhas e, entre os povos, tens feito notório o teu poder. Com o teu braço remiste o teu povo, os filhos de Jacó e de José (vv.13-15).

Como vimos na primeira metade do Salmo 77, o salmista tinha vivenciado um período de dúvida que o levou à beira da descrença. Mas, em seguida, concluiu que Deus é santo e grandioso, e expressa

isso maravilhosamente nesses versículos.

Nossa fé permanecerá inabalável enquanto estivermos convencidos das duas elevadas verdades aqui expressas pelo salmista: Deus é santo, e Deus é grandioso. O salmista está tomado por um senso de reverência à perfeição moral e suprema majestade de Deus.

Nós, seres humanos, gostamos de aplaudir nossa própria grandiosidade. Pensamos que somos seres poderosos, devido a terrores tecnológicos como a bomba de hidrogênio. Esse dispositivo, que libera energia pela fusão dos núcleos de átomos de hidrogênio, é capaz de destruir uma cidade de vários milhões de pessoas num único clarão. Mas, de que modo o poder de um arsenal inteiro de bombas de hidrogênio se compara ao poder de Deus?

O nosso sol funciona segundo o mesmo princípio de uma bomba de hidrogênio, gerando energia pela fusão dos núcleos de átomos de

hidrogênio. Mas, você sabia que o sol libera o equivalente a 100 bilhões de bombas de hidrogênio a cada segundo? Adicionalmente, o sol, cujo tamanho é superior a 300 mil vezes o tamanho do planeta Terra, é apenas um dos 100 bilhões de estrelas da galáxia Via Láctea, que é apenas uma das 100 bilhões de galáxias do universo conhecido! Em outras palavras, em qualquer fração de segundo, o universo de Deus está liberando trilhões e trilhões de vezes a energia da mais potente invenção humana!

Na próxima vez que você ouvir alguém vangloriar-se da grandiosidade humana, lembre essa pessoa da grandiosidade de um Deus que foi capaz de criar um universo como o nosso! Isso ajuda a manter as coisas em perspectiva.

A REALIDADE DOS MILAGRES

O salmista escreve: “Tu és o Deus que operas maravilhas e, entre os povos, tens feito

notório o teu poder” (v.14). Esta foi uma declaração profunda quando foi escrita, mil anos antes do nascimento de Jesus. E hoje, continua a ser uma declaração de significado profundo.

Os milagres de Deus revelam um poder que ultrapassa a compreensão humana. Sei que, hoje, muitas pessoas considerariam superstição a crença em milagres. Durante séculos, porém, esses eventos que denominamos milagres convenceram homens e mulheres de fé de que Deus está agindo. Precisamente por esses eventos serem sobrenaturais, as pessoas os consideram evidências convincentes da existência de Deus.

Observe, por exemplo, a passagem pelo Mar Vermelho. Eis aqui um surpreendente desenlace que deu forma ao curso da história. Hoje existem nações que resultaram daquela ocorrência sobrenatural. As águas foram abertas para que os israelitas pudessem

caminhar pelo leito do mar em terra seca, mas, quando os egípcios os seguiram, as águas se fecharam sobre eles, causando-lhes a morte por afogamento.

Os seres humanos nunca fizeram algo assim. É humanamente impossível. As pessoas não conseguem duplicar tal façanha; elas só podem depreciá-la. Um agnóstico disse: “Milagres não acontecem; portanto, milagres não aconteceram.” Alguns céticos tentam argumentar em círculo: “Deus não existe, então não podem existir milagres. Uma vez que não existem milagres, Deus não existe.”

Tais argumentos nada provam. Os estudiosos de lógica denominam esse tipo de pensamento “implorar a pergunta”. Trata-se da falácia de basear uma conclusão em uma premissa não comprovada. Você não pode dizer logicamente: “Milagres não podem acontecer; portanto, milagres não aconteceram.” Primeiramente, você precisa

comprovar que milagres não podem acontecer. Se não puder comprovar sua premissa, qualquer conclusão que você basear nessa premissa também não terá comprovação.

É assombroso ver como pessoas inteligentes nos demais aspectos simplesmente descartam, com um aceno de mão, a evidência de que milagres acontecem. Se observarmos os fatos circunstanciais descritos na Bíblia como um registro de relatos de testemunhas oculares feitos por homens e mulheres honestos e sinceros, a Bíblia se torna uma compilação de evidências fortes e convincentes sobre as ocorrências dos milagres.

Outra coisa tola que pessoas inteligentes nos demais aspectos fazem é reservar todo o seu ceticismo e cinismo somente para a Bíblia. Elas aceitam os relatos de Suetônio, Filo, Justino Mártir, Tertuliano, Tácito, Eusébio, Heródoto, Xenofonte, Políbio, Lívio e Flávio Josefo como confiáveis,

mas consideram os relatos do Antigo e do Novo Testamento altamente suspeitos, se não totalmente desonestos. Com base em que elas fazem esta distinção? Puramente no fato de que a Bíblia registra milagres e “todos sabem que milagres não acontecem”.

Apoiados unicamente pelo preconceito, muitos historiadores e eruditos simplesmente descartam os milagres do Êxodo, os milagres dos profetas e os milagres de Jesus. Contudo, nos dias em que essas maravilhas ocorreram, até mesmo, as testemunhas hostis tiveram de admitir sua existência.

Vemos um exemplo disto em Mateus 28. Após a ressurreição de Jesus, os guardas do túmulo correram aos altos sacerdotes e lhes contaram que a pedra havia sido removida da abertura e o corpo de Jesus desaparecera. Os altos sacerdotes subornaram os guardas e lhes instruíram a dizer: “Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram enquanto

dormíamos” (v.13). Então, os guardas saíram e espalharam a falsa história.

Por que os sacerdotes e os guardas tiveram de fabricar tal história? Porque o túmulo vazio exigia uma explicação! A localização do túmulo não era secreta. Qualquer pessoa poderia ir até o local, olhar em seu interior e comprovar que Jesus não estava ali. Centenas, talvez milhares, de pessoas fizeram exatamente isso. Não havia dúvida de que o túmulo de Jesus estava vazio. A única pergunta era por que ele estava vazio — e o que o túmulo vazio significava? Para uma mente não tendenciosa, a explicação mais razoável era que Jesus estava verdadeiramente vivo de novo.

O Deus do salmista é um Deus que cria um universo a partir do nada, um Deus que retira uma nação da escravidão levando-a em meio às profundezas de um mar dividido. Esse mesmo Deus abriu um túmulo lacrado e soprou nova vida no corpo morto do nosso Senhor

crucificado. Ele é um Deus que demonstra Seu tremendo poder aos povos.

O DEUS DA REDEÇÃO

O salmista prossegue, fazendo uma profunda observação sobre os feitos de Deus.

Eles não são meramente grandiosos, mas também redentores. Deus fez grandes obras que salvaram o Seu povo, restaurando-os a um lugar central em Seu plano eterno. O salmista escreve: “Com o teu braço remiste o teu povo, os filhos de Jacó e de José” (v.15).

O salmista sempre colocou uma indicação de pausa (“selá”) num ponto crucial do salmo. Essa palavra significa “Pare e pense. Pause e reflita no significado disto.”

Portanto, o que o salmista quer dizer com “redimiste o teu povo”? A palavra *redimir* significa restaurar à utilidade algo que havia se tornado inútil. Deixe-me dar um exemplo prático.

Quando era seminarista, em três verões estagiei em

duas igrejas diferentes. Cada vez eu chegava à cidade totalmente sem dinheiro, sem a provisão para o meu sustento até receber o meu primeiro pagamento. Como eu resolvia isso? Eu levava o meu objeto mais valioso — minha máquina de escrever — à loja de penhores, em troca de um empréstimo. Esse dinheiro era exatamente o suficiente para passar as duas semanas seguintes. Quando meu pagamento chegava, eu corria à loja de penhores e redimia a máquina de escrever.

Enquanto minha máquina de escrever estava na loja de penhores, ela ficava absolutamente sem uso. Nem eu nem o dono da loja podia usá-la. A máquina era inútil para qualquer pessoa até que eu retornasse à loja de penhores e pagasse o preço da redenção. Uma vez redimida a máquina, eu a punha novamente em uso.

É isso o que a redenção faz; é uma obra especial que somente Deus pode fazer. Não posso redimir você dos

seus pecados. Não posso redimir nem a mim mesmo. A redenção é obra especial de Deus, e tudo que Ele faz em nossas vidas visa a nossa redenção — restaurar-nos para sermos úteis a Ele.

Os milagres da Bíblia têm natureza redentora. Os milagres que Deus fez no Egito redimiram o povo de Israel da escravidão levando-os a um lugar de utilidade para Deus, na Terra Prometida. Os milagres que Jesus fez nos evangelhos — a transformação de água em vinho, as curas e as multiplicações de alimentos — foram feitos para impressionar as pessoas com as verdades que transformariam seus corações e redimiriam suas vidas.

O milagre da ressurreição foi, é claro, o mais redentor de todos, pois foi a maravilha sobrenatural que nos possibilitou ser salvos do pecado e da morte. Na crucificação e ressurreição, Deus pagou o preço da nossa redenção. Ele nos trouxe de volta da loja de penhores

do pecado e da morte, e nos restaurou para sermos úteis a Ele.

O Novo Testamento nos conta que tudo da vida do nosso Senhor Jesus visava a nossa redenção. O apóstolo Paulo escreveu: "...pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre *por amor de vós*, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos" (2 Coríntios 8:9). Note a expressão "por amor de vós". Esta é uma expressão do amor redentor do nosso Senhor. Por amor de nós Ele deixou o céu e tornou-se pobre. Por amor de nós Ele foi espancado e crucificado.

"Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado *por nós*; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21). Deus Pai fez aquele que foi sem pecado, Jesus, tornar-se pecado em nosso lugar, para que pudéssemos ser redimidos para viver para Ele. Jesus foi crucificado e elevado para que nós pudéssemos ser libertos do pecado. As

Escrituras nos contam que, neste exato momento, Jesus está intercedendo por nós no céu — novamente, por amor de nós! Como lemos no livro de Hebreus, Jesus “...pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (7:25).

Perceba que o salmista escreve: “Com o teu braço remiste o teu povo...” (v.15). Ele não disse que Deus redimiou toda a raça humana. O povo de Deus foi redimido; quem não pertence ao povo de Deus não está redimido. A redenção não é para qualquer um. Nenhuma pessoa é redimida sem seu conhecimento ou contra sua vontade. A redenção é para o povo de Deus, para aqueles que respondem ao Seu convite e agem segundo a Sua Palavra.

A proclamação do amor redentor de Deus exige uma reação. O livro de Hebreus nos diz: “Sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus

creia que Ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (11:6). Você poderá dizer: “Mas eu não sei se Deus existe. Não consigo encontrá-lo. Como posso crer nele sem saber se Ele é real ou não?” Resposta: aproxime-se de Deus e Ele se aproximará de você. Essa é sempre a promessa das Escrituras. Se buscá-lo com sinceridade e seriedade, você o encontrará. Aqueles que verdadeiramente desejam encontrá-lo — o encontrarão.

Você está respondendo ao chamado redentor de Deus em sua vida? Ou está sentado e mal-humorado, esperando que Deus faça algo para você apesar de você mesmo? Com seu braço poderoso, Ele redimiou Seu povo e ainda está redimindo o Seu povo nos dias de hoje. Incentivo você a buscá-lo, aproximar-se dele e responder ao Seu convite, para que você possa dizer com o salmista: “...Que deus é tão grande como o nosso Deus?” (v.13).

AQUILO QUE VOCÊ TEME

Este salmo começou com um grito de dúvida e desespero. Mas, o salmista traçou seu caminho em direção à fé e ao triunfo. Agora, nas linhas finais do Salmo 77, ele escreve:

Viram-te as águas, ó Deus; as águas te viram e temeram, até os abismos se abalaram. Grossas nuvens se desfizeram em água; houve trovões nos espaços; também as suas setas cruzaram de uma parte para outra. O ribombar do teu trovão ecoou na redondeza; os relâmpagos alumiarão o mundo; a terra se abalou e tremeu. Pelo mar foi o teu caminho; as tuas veredas, pelas grandes águas; e não se descobrem os teus vestígios. O teu povo, tu o conduziste, como rebanho, pelas mãos de Moisés e de Arão (vv.16-20).

O salmista retorna ao evento central da história de Israel, quando Deus conduziu Seu povo para fora do Egito dividindo o Mar Vermelho.

Que verdades o salmista descobre nesse evento?

Primeiro, ele reconhece o controle soberano de Deus sobre todas as ações humanas e sobre a própria natureza. Ele observa que as águas do Mar Vermelho viram Deus e tremeram de medo diante do Seu poder. Essa é uma poderosa imagem poética de como as águas reagiram ao grande poder de Deus.

Você é capaz de imaginar o medo dos israelitas quando eles chegaram à beira do mar? Os egípcios estavam atrás deles e o mar intransponível, diante deles. Não parecia haver esperança para seu apuro. Contudo, exatamente o que aterrorizou os israelitas — a água do mar — teve medo de Deus! Na imagem poética do salmista, a água viu Deus, contorceu-se e abalou-se em temor.

Deus mandou Moisés estender seu cajado. Moisés obedeceu e o mar se dividiu. As águas formaram uma parede de cada lado, e foram seguradas pela mão de Deus.

Os israelitas passaram pelo canal seco entre as águas. Eles tiveram medo das águas, mas as águas tiveram medo de Deus. O mar não ousou tocar aqueles a quem Deus protegeu com Sua mão.

Existe um incidente paralelo no Novo Testamento. Certa ocasião, Jesus estava num barco com Seus discípulos, no Mar da Galileia. Uma tempestade surgiu e as ondas bateram contra o barco, que começou a encher-se de água. Contudo, Jesus estava tão calmo em meio à tempestade, que dormiu sobre um travesseiro na popa do barco. Os discípulos, receosos de estarem a ponto de perecer na tempestade, o acordaram e disseram: “Mestre, não te importa que pereçamos?” (Marcos 4:38).

Jesus acordou e falou com o vento e o mar, dizendo: “Acalma-te, emudece!” (v.39). E o vento cessou e, no mesmo instante, o mar se acalmou. Embora os discípulos temessem o vento e o mar, temeram Jesus ainda mais.

Esta é uma lição que você e eu precisamos aprender para os tempos de perigo e medo em nossas próprias vidas: os mesmos poderes e forças que nos atemorizam estão sob o comando de Deus. Aquilo que você teme, teme a Deus.

EM MEIO ÀS PROFUNDEZAS DO MAR

Em seguida, o salmista nos diz que as forças da natureza são nada mais que instrumentos nas mãos de Deus. Ele escreve:

*Grossas nuvens se
desfizeram em água;
houve trovões nos espaços;
também as suas setas
cruzaram de uma parte
para outra. O ribombar
do teu trovão ecoou na
redondeza; os relâmpagos
alumiamam o mundo; a
terra se abalou e tremeu
(vv.17-18).*

Se você já enfrentou uma tempestade eletromagnética, sabe o que o salmista está descrevendo: o ribombar do trovão que estremece a

alma, raios cruzando os céus como flechas ferozes, a terra reagindo com tremor. Todas essas forças estão sob o comando de Deus. Nenhuma força, natural ou humana, pode operar sem a permissão do Todo-poderoso. Essa é a grandiosa verdade em que o salmista reflete ao recordar-se da passagem pelo Mar Vermelho.

Vemos essa verdade ilustrada nas últimas horas antes de Jesus ser crucificado. Abandonado por Seus amigos, traído por Judas e negado por Pedro, Jesus estava sozinho e aparentemente impotente diante de Pôncio Pilatos, o governador romano. Quando Pilatos tentou interrogar Jesus, o Senhor não lhe deu resposta. Exasperado, Pilatos perguntou-lhe: "...Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar? Respondeu Jesus: Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada..." (João 19:10-11).

De que maneira nossas vidas mudariam se

verdadeiramente vivêssemos segundo essa grande verdade: todas as forças, sistemas e autoridades do mundo estão sob o controle de Deus. Todo poder pertence a Deus. Nada pode nos tocar sem a expressa permissão do próprio Deus.

O salmista continua:
*Pelo mar foi o teu caminho;
as tuas veredas, pelas
grandes águas; e não
se descobrem os teus
vestígios (v.19).*

Deus conduziu os passos dos israelitas por entre as profundezas do mar. O povo de Israel não sabia para onde Deus os estava levando, mas Deus tinha preparado o caminho. Ele sabia o que estava fazendo. Ao ponderar sobre essa miraculosa ocasião, o salmista descobre uma segunda grande verdade: o fato de não conseguirmos entender o que Deus está fazendo não significa que Ele não esteja agindo em nossas vidas.

Esse é um conceito difícil de assimilarmos. Somos seres impacientes e queremos que

Deus nos explique todos os Seus planos e propósitos agora. A menos que Deus nos tranquilize constantemente afligimo-nos e entramos em pânico, exatamente como os israelitas fizeram alcançar à margem do Mar vermelho.

No livro de Êxodo 14, lemos que os israelitas estavam acampados no deserto próximo ao mar quando viram uma nuvem de poeira e ouviram o estrondo de patas de cavalos e rodas de carros de guerra. O exército de Faraó os estava perseguindo. O povo clamou ao Senhor; depois, entrou em pânico e culpou Moisés pelo perigo. “Será, por não haver sepulcros no Egito, que nos tiraste de lá, para que morramos neste deserto? Por que nos trataste assim, fazendo-nos sair do Egito? Não é isso o que te dissemos no Egito: deixa-nos, para que sirvamos os egípcios? Pois melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto” (vv.11-12).

O povo de Israel perdeu a fé em Moisés e em Deus.

Moisés teve de estimulá-los: “...Não temais; aquietai-vos e vede o livramento do SENHOR que, hoje, vos fará...” (v.13).

É difícil fazer críticas muito severas aos israelitas.

Se estivéssemos no lugar deles, teríamos reagido de maneira diferente?

Sempre que as coisas vão mal e não conseguimos enxergar a solução para os nossos problemas, não apertamos o botão de pânico tão rapidamente quanto eles? Frequentemente, em situações desesperadas, você já não orou assim? “Senhor, não tenho saída! Estou preso! Por que Tu não fazes alguma coisa?” Confesso já ter orado assim muitas vezes, e essa não é uma oração de fé; é uma oração de pânico.

O que o povo de Israel não entendia e não podia imaginar é que Deus havia planejado tudo para levá-los à travessia do Mar Vermelho. Seu caminho levava para a travessia do mar; Seu caminho levava para as águas impetuosas. O plano de libertação de Deus nunca

sequer esteve em suas mentes! Mas, embora Suas pegadas fossem invisíveis e Seu povo fosse incapaz de compreender o plano divino, Deus sabia exatamente o que estava fazendo. Seu plano, embora inescrutável, era perfeito.

Esse é um princípio em que todos nós precisamos confiar quando nossas costas estão contra a parede, quando nossos inimigos se aproximam ou quando os obstáculos em nossas vidas parecem insuperáveis, quando a esperança se esvai rapidamente e não existe saída do desastre total. Precisamos depositar nossa confiança nele, confiando que Ele tem um plano que, embora inescrutável, é perfeito. Não podemos imaginar o que Deus fará, mas podemos confiar que seja o que Ele fizer será o melhor para nós e será surpreendente!

UMA EXPERIÊNCIA NO MAR VERMELHO

O Salmo 77 começou com uma nota triste de crise e
28

desespero. No início do salmo, o autor Asafe escreveu:

Lembro-me de Deus e passo a gemer; medito, e me desfalece o espírito. Não me deixas pregar os olhos; tão perturbado estou, que nem posso falar (vv.3-4).

Ele gemeu, seu espírito enfraqueceu-se, ele estava demasiadamente deprimido e ansioso para dormir ou, até mesmo, falar. Ele estava assombrado por perguntas sobre Deus que não conseguia responder:

Rejeita o Senhor para sempre? Acaso, não torna a ser propício? Cessou perpetuamente a sua graça? Caducou a sua promessa para todas as gerações? Esqueceu-se Deus de ser benigno? Ou, na sua ira, terá ele reprimido as suas misericórdias? (vv.7-9).

O salmista olhou para suas circunstâncias desesperadas, fez um balanço de suas emoções: ansiosas e deprimidas, e concluiu que Deus não estava agindo. Ele disse a si mesmo: “Eis-me aqui em profunda tribulação,

e Deus está silente e remoto. Ele não fará nada por mim.”

Mas, nos versículos finais do Salmo 77, o autor conclui de modo diferente. Por quê? Porque ele relembra uma experiência paralela na história de Israel, um intervalo em que Deus pareceu inativo durante algum tempo. Os israelitas se encontravam presos entre o exército de Faraó e as águas do Mar Vermelho. Não havia saída de sua mortífera condição e Deus parecia estar silente. Suas pegadas eram invisíveis. Contudo, Deus tinha um plano que os conduziria pelo mar, um caminho invisível pelas grandes águas. Ele os tirou da morte certa e levou-os à segurança da margem oposta.

Você é capaz de identificar-se com o salmista e os antigos israelitas? Alguma vez você esteve numa situação tão desesperadora, em que não pudesse enxergar uma saída, e orou e orou e Deus pareceu silente — até Ele dar uma resposta por intermédio de

uma fonte completamente inesperada? Acredito que, em algum momento, a maioria dos cristãos já teve essa experiência.

Annie Johnson Flint nasceu em 1866. Ela e sua irmã ficaram órfãs com pouca idade e foram criadas por pais adotivos cristãos, que as levaram a conhecer Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Quando Annie era adolescente, seus pais adotivos morreram, deixando Annie e sua irmã novamente órfãs. Apenas dois anos após terminar o ensino médio, Annie recebeu o diagnóstico de artrite: doença dolorosa e incapacitante. Aos vinte e poucos anos de idade, a artrite estava tão avançada que ela não conseguia mais andar.

Annie se sustentava escrevendo poemas inspirativos. Seus poucos rendimentos mal cobriam suas despesas de sobrevivência, muito menos suas contas médicas. Alguns amigos lhe disseram que seu sofrimento era devido à falta de fé ou ao pecado

oculto em sua vida. Annie se questionava se esses amigos tinham razão. Após semanas de oração e estudo das Escrituras, ela concluiu que os problemas e aflições são uma parte normal da vida, mesmo para o cristão. Às vezes, oramos e Deus nos *tira* de nossas aflições. Outras vezes, Deus nos conduz *em meio* às nossas aflições.

Uma das histórias da Bíblia que a confortou em seu sofrimento foi como Deus tirou Israel do Egito. Ela enxergou a maneira como Deus conduziu o povo através das águas profundas do Mar Vermelho como uma metáfora de sua própria vida.

O caminho de Deus conduz à travessia do mar, por tribulação e provação. Seu plano não nos faz contornar a tribulação, mas nos conduz em meio às suas profundezas. Você poderá não ser capaz de enxergar Sua resposta antes de ela vir, mas, quando ela chegar, você se regozijará e o louvará pela maravilhosa maneira pela qual Ele o livrou.

O PASTOR DE SEU POVO

A verdade final descoberta pelo salmista foi esta: O Senhor é o Pastor do Seu povo. Ele escreve: “O teu povo, tu o conduziste, como rebanho, pelas mãos de Moisés e de Arão” (v.20).

Penso não existir qualquer figura de linguagem tão lindamente descritiva do relacionamento de Deus com Seu povo do que aquela de um Pastor com Seu rebanho. O versículo final do Salmo 77 nos lembra o versículo inicial do Salmo 23: “O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará.” Sendo o Senhor o nosso Pastor, nada nos falta. Ele nos conduz como Seu próprio rebanho e nos supre em tudo que não temos em nós mesmos.

De que o Senhor supre as Suas ovelhas? Primeiramente, Ele as supre com um significado e propósito para as suas vidas. Um pastor sempre tem em mente um objetivo para o rebanho. Se ele conduz suas ovelhas para as pastagens na montanha,

é porque existe algo que ele deseja realizar ali. Se as conduz junto às águas tranquilas, ele tem um motivo para agir assim. Se ele conduz as suas ovelhas em meio aos lobos, é porque ele as deseja ali. É o pastor quem determina o propósito.

O significado é um ingrediente essencial da vida. Por que existem tantas pessoas deprimidas e suicidas nos dias de hoje? Falta às suas vidas significado e propósito. Por que as taxas de abuso de álcool e drogas estão subindo como foguetes, mesmo entre as pessoas ricas e bem-sucedidas? Elas não têm motivo para viver, usam substâncias químicas para entorpecer a dor de sua existência insignificante.

Certa vez, um homem procurou-me para aconselhamento, dizendo: “Tenho tudo que quero, mas não quero nada do que tenho.” Ele sofria de “descontentamento por seu destino”; a doença de alguém que ao atingir todas as metas da vida, descobre

que nenhuma de suas realizações lhe trouxe a paz e a satisfação.

Deus, o nosso Bom Pastor, nos supre com significado, propósito e uma razão para vivermos. Ele faz a vida valer a pena.

Em segundo lugar, o Pastor supre-nos o amor, outra necessidade desesperada em nossas vidas. Nosso Senhor ama as Suas ovelhas. Ele nos dá tudo que o amor compreende: cuidado, proteção e provisão. Como escreve o apóstolo Pedro: “...lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pedro 5:7). Somos importantes para Ele. O Senhor se importa com as nossas necessidades. Esse é o coração de um pastor.

Jesus chamou a si mesmo o Bom Pastor e disse que aquilo que o definia nesse papel era o Seu amor altruísta pelas ovelhas:

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas,

vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebatava e dispersa. O mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas. Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas (João 10:11-15).

Nosso Senhor se descreveu como um Pastor amoroso que acolhe Suas ovelhas junto ao Seu seio e reconduz ao caminho certo as ovelhas desgarradas e hesitantes — sempre com suavidade e brandura — devido ao Seu amor por elas. Esta é a essência do relacionamento de Deus com Seu povo.

Sempre que nos sentimos abandonados ou negligenciados por Deus, precisamos nos lembrar de que Ele é o nosso Pastor. Estamos sempre sob Seus cuidados protetores, mesmo quando não temos consciência disso. Deus sempre pastoreia os que são Seus.

Essa é a conclusão do salmista. Você chegou à mesma conclusão? Você é capaz de confiar em Deus, mesmo em tempos de dúvida e pressão, provação e tentação? Tenha fé em Deus! Ele o conduzirá em meio às águas profundas e o trará em segurança à outra margem. E quando estiver do outro lado, você será capaz de dizer com o salmista: “O teu caminho, ó Deus, é de santidade. Que Deus é tão grande como o nosso Deus?” (v.13).



O conteúdo deste livreto é extraído e adaptado do livro *Psalms: Folk Songs Of Faith* (Salmos: Cânticos de fé) de Ray Stedman (1917-92). Ray foi pastor por mais de 40 anos e escreveu mais de 20 livros.

O texto inclui o acordo ortográfico conforme Decreto n.º 6.583/08.